





le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin







# PRELUDIOS







# PRELUDIOS

POESIAS

»»

Attonso Celso Junior



RIO DE JANEIRO

TYPGRAPHIA DA REFORMA

181 RUA SETE DE SETEMBRO 181

—  
1876



## Affonso Celso



Restituo-te os *Preludios* do Affonsinho, filho dilecto em quem te revês justamente ensoberbecido.

Quando sujeitaste á minha apreciação esses promettedores ensaios poeticos da intelligente criança, não foi teo proposito pedir á critica autorisada o seu juizo a respeito. Terias errado de porta, se assim fôra. porque, áparte alguns mingoados conhecimentos de jurisprudencia que tenho ao serviço da minha subsistencia e daquelles que se acham vinculados á minha boa ou má sorte neste mundo, e algum traquejo na polemica do jornalismo politico, que sabes, tanto in-

flue no espirito dos que nos governam como nos ouvidos de indifferentes transeuntes os automaticos harpejos desses pequenos forasteiros das ruas, ao menos, que eu saiba, nenhuma outra aptidão pode-se, sem injustificavel bondade, attribuir ao meu espirito.

Na intenção de animar ao teu poeta de 15 annos com a applicação dos rolos magicos da imprensa sobre as primeiras revelações do seu mimoso talento, não quizeste um critico ao seu lado, preferiste um amigo. E em verdade, um litterato se acharia ahi tão contrariado como em um baptisado de bonecas se veria a pretenciosa mocinha que acabasse de dar entrada nos salões depois de se lhe permittir attentar á arminho de almiscarado polvilho contra as frescas rosas das faces juvenis.

A publicação dos *Preludios* é uma festa de familia, e para bem aprecia-la em todos os seus detalhes e santas emoções, desafio a quem mais largo e susceptivel sinta pulsar-lhe o coração.

Agradeço-te, pois, o lugar que me reservaste ao lado de teu filho no momento em que elle vai exhibir os seus primeiros titulos á successão do patrimonio que como politico e homem de letras tens o dever de legar-lhe enriquecido e o farás.

Tomo contente ao meu cargo a apresentação do menino.

Em sua idade não se póde exigir tanto. e ao que tiver a insania de pretende-lo é facilimo impor silencio, exigindo a exhibição de sua fé de officio litterario quando em circumstancias identicas.

Em que ramo de conhecimentos humanos mais se distinguirá tão auspiciosa criança ?

Não sei. não posso dizer-te.

A semente que zelaste com tantos cuidados acaba apenas de rachar a terra.

Para onde inclinará a ramagem que tende a fructificar ? Ignoro.

Vejo apenas que o pequeno arbusto promette elevar-se alteroso.

Proteja-o Deus contra as rajadas do infortunio.

São os votos ardentes e sinceros. do

Teu amigo

*Cesario Alvim.*



## Explicação

*Preludios* não são mais que flôres sem cultura,  
De um prado cujo sol é tibia inspiração ;  
Accordes que produz a lyra mal segura  
De quem possui um estro ainda em embryão.

N'aurora do viver não pôde um sentimento,  
Reinar por sobre os mais—seus actos dirigir :  
Porque, mobil se agita o leve pensamento:  
Tem horas de chorar—tem horas de sorrir.

Por isso n'este livro existe anomalia,  
Que vós leitor amigo, haveis de relevar :  
A's vezes ha tristeza—às vezes alegria  
No modo de sentir, no modo de pensar.

Mas quem deseja vêr da vida, que inicia  
O seu peregrinar,—qual seja a inspiração,  
Oh! lêa o livro meu, embora sem magia  
Dictou-o todo inteiro um joven coração!



## A' MINHA MAE

Mãe... nome meigo, qual é meigo o aroma  
Suave e brando da mimosa flôr;  
Mãe... bella estrella que no céu assoma,  
Mostrando sempre divinal fulgôr!

Pharol fulgente que, no mar da vida,  
Nos mostra o porto que bonança tem.  
Quando na vaga do tufão batida  
O nauta implora salvação — além!

Anjo que sempre que encontramos penas,  
Cardos, espinhos, soffrimento e dôr,  
Com fallas ternas, sem iguaes, amenas,  
Mitiga a sorte que só tem rigôr!

Oh! como é doce, que meiguice encerra,  
Um puro beijo entre sorrisos seus,  
Aqui no mundo, no viver, na terra,  
Parece afago de bondoso Deus!

E sempre um raio de sem fim magia  
Na fronte sua perennal transluz,  
Quer ella soffra, qual soffreu Maria,  
Quando em torturas vio morrer Jesus!

Tu, que guiavas meus trémentes passos,  
Nos bellos dias do infantil viver,  
M'estende sempre, minha Mãe, teus braços,  
Que dentro d'alma só terei prazer!

A ti dedica seus humildes cantos  
Quem te venera com amôr sem fim;  
Dá-lhe um sorriso no soffrer, nos prantos,  
Que as magoas suas cessarão — oh! sim!

---

## Ave Maria

Sussurram as aragens brandamente:  
Longe, nos nevoeiros do poente,  
Vae o sol os seus lumes esconder:  
Nas arêas sem fim da branca praia,  
Douradas pela luz que além desmaia,  
As vagas suspirosas vem gemer!

Medrosas se recolhem a seus ninhos  
As aves e os medrosos passarinhos,  
Meigos trinos de amôr fazendo ouvir:  
Da lagôa nas agoas socegadas,  
Aos hafejos das brizas perfumadas,  
Vae a lua seus raios reflectir!

Exhala doce aroma a flôr silvestre,  
Em quanto que, na abobada celeste,  
Acendem as estrellas seu fulgôr,  
Começam a luzir os pyrilampos,  
Vagando pelos montes, pelos campos,  
Que ostentam oceanos de verdôr!

Oh! quanta poesia, que belleza  
N'essas horas não mostra a natureza,  
Toda entregue ao silencio e à solidão,  
Quando, dourando o mar de azul infindo,  
A lua magestosa vem surgindo  
D'entre as dobras immensas d'amplidão!

E longe, ao longe... sôa o som do sino,  
Cujo toque, imitando a voz d'um hymno,  
Vae morrer na remota serrania,  
E, aos suspiros que vem do campanario,  
O christão, se curvando solitario.  
Exclama compungido: — Ave Maria!...

---

## Confissão

Eu gosto das moças—risonhas, faceiras  
Travessas, inquietas—morenas emfim,  
Que tem olhos negros e vivas maneiras,  
De labios vermelhos da côr do carmim !

As louras meninas tambem me arrebatam  
(Tambem cá no peito tem ellas logar),  
Me atrahem seduzem, fascinam e matam,  
De modo tão grande que è bom nem fallar.

Da mesma maneira me sinto captivo,  
No ponto de nunca poder resistir,  
Perante uns olhinhos de azul pensativo  
De doce, de langue, de meigo luzir !

Então se são olhos de côres escuras  
Que ardendo brilhantes se fitam nos meus,  
Eu, placido moço, commetto locuras,  
Tolices, asneiras, que... valha-me Deus !

E vendo um pésinho mimoso, perfeito,  
Pequeno, engraçado, ligeiro, gentil,  
Eu sinto pontadas lá dentro do peito,  
Que solta suspiros aos centos, aos mil !

Assim, quanto ao ponto das moças bonitas,  
A todas consagro sincera afeição,  
Quer sejam morenas, quer claras as ditas,  
Tem todas logares no meu coração !

Não sei, meus senhores, se acaso é peccado  
O ser tão amante de moças assim ;  
Se o fôr,—com certeza que sou condemnado  
No fundo do inferno à tormentos sem fim !

Porque vos fallando com toda a franqueza,  
Possuo um defeito que vou confessar :  
Se tudo no mundo tem sua fraqueza.  
Meu fraco consiste—nas moças amar !

# ORAÇÃO AO ANJO DA GUARDA

(M. TASTU)

Anjo bom, sêde meu guia,  
Quando á luz do novo dia  
No meu leito eu despertar;  
De noite só dae-me sonhos  
Que sejam puros, risonhos,  
Junto a mim vinde velar !

Da vida nas incertezas  
De minhas tristes fraquezas,  
Tende pena, tende dó,  
Nas dôres, nos soffrimentos  
Dae-me força, dae-me alento,  
E nunca deixae-me só!

Jamais sahi de meu lado  
E, quando eu tiver peccado,  
Fallai-me do santo Deus:  
Da existencia nos caminhos,  
Que estão juncados de espinhos,  
Amparai os passos meus !

## TU ÉS FORMOSA

Tu és formosa e divina,  
Qual a estrella peregrina,  
Qual as pet'las da bonina  
Que viceja no jardim,  
Mais gentil que a madrugada,  
Mais bella do que a alvorada,  
Tu tens um corpo de fada.  
Pareces um cherubim!

Teu olhar tem divos lumes,  
O teu cabelo os perfumes  
Da flôr que solta queixumes  
Aos beijos da viração;  
Quem vê-te a face morena,  
Sempre alegre, sempre amena,  
Com certeza logo pena  
Dos males do coração!

Quizera ter-te entre os braços,  
Prender-te com doces laços,  
Depois dizer-te entre abraços  
O amor que te dediquei,  
Pois és um sylpho, uma fada,  
Mais bella que a madrugada,  
Oh! moreninha engraçada,  
O que tu és... eu nem sei !

---

# A CRUZ

(**BLANCHEMAIN**)

Outr'ora, quando eu via erguido na floresta  
Da cruz sinistra e triste o vulto solitario,  
Dizia, na campina é tudo riso e festa,  
Por que, pois, nella existe indicio mortuario!

Mais tarde eu vi o mar; e ao longe campeava  
De pé sobre um rochedo a cruz erma e sombria,  
Então comprehendi que alento ella inspirava  
Ao pobre marinheiro — esp'rança ella infundia!

Aos valles eu voltei, nos quaes passei a infancia,  
Mas scismo que o tufão no mar só não fulgura,  
Que a mais mimosa flôr, que tem meiga fragrancia,  
Occulta muita vez sinistra sepultura!

Por isso, na campina — erguida na floresta,  
Bem hajas, sempiterna — oh! cruz do Redemptor,  
Bem hajas onde póde — a sua triste sina  
Chorar e orar a Deus — uma alma em lucto e dôr!



## SONETO

A fada de meus sonhos amorosos,  
A visão divinal de minha vida,  
A causa dos suspiros que, sentida,  
Minh'alma solta com mil ais saudosos,

E' menina gentil, de olhos formosos,  
Os quaes tem tal meiguice, não mentida,  
Que a pessoa que os vê fica rendida  
Perante encantos taes e tão mimosos.

Tem compridos cabellos anellados,  
Alvos dentes iguaes, boca pequena,  
Labios rubros e finos, nacarados;

Quanto á côr de seu rosto, é bem morena,  
Pois encantos assim só são achados  
Nas moças dessa côr, meiga e serena.

## ESPERANÇA

Esperança é luzir de madrugada,  
O bafejo da briza embalsamada  
Pelas pet'las da flôr inda em botão.  
O sorriso que tem a virgem pura  
Depois que as preces da manhã murmura  
E s'eleva nas azas da oração.

O olhar que a mãe deita ao seu filhinho.  
A innocente creança — o louro anginho,  
Que ha bem pouco lhe acaba de nãscer,  
A visão de meus sonhos de poeta  
Quando minha alma d'incerteza inquieta  
Pensa e scismo nas lutas do viver!

A terna e meiga irmã da Caridade  
Que ao nauta dá vigor na tempestade  
Quando em ondas revoltas brame o mar,  
Que sempre nos soluços da desgraça,  
Quando bebemos do amargor na taça  
Vem as dôres que temos mitigar !

Tu que habitas no ceu entre esplendôres  
Mas que vens dos mortaes sanar as dôres.  
Lhes fallando no nome de teu Deus  
Escuta os votos de minh'alma crente  
Que a ti venera com amor ardente  
E lhe concede estes pedidos seus :

Oh ! nunca me abandones um momento,  
Nas dôres, no soffrer, no desalento  
Me mostra bella estrella o teu fulgôr,  
Da existencia nas lutas incessantes,  
Da fortuna nos giros inconstantes  
Lindo archanjo do ceu — dá-me valor !

---

# AVANTE !

(NO ALBUM DO SR. DANIEL HENNINGER)

Illustrai-vos nas letras, na sciencia,  
Cultivai com vigor a intelligencia,  
Venerai os preceitos do dever ;  
Caminhar, caminhar, ir sempre avante  
Eis os brados da idéa triumphante  
Da verdade, das luzes, do saber !

Nos revezes fataes, tende esperança  
Que depois do tufão vem a bonança,  
Que depois do chorar, vem o sorrir.  
Succede ao dia claro a noite escura.  
Mas depois irradia bella e pura  
A luz nos horisontes do porvir !

Portanto n'alma a fê, no peito a crença,  
Avante prosegui na senda immensa  
Que conduz aos triumphos, á victoria.  
Se a sorte um dia vos der só rigores,  
Esperai que mais tarde virão flôres  
Primeiro soffrimento, depois gloria.



## A VIDA

(NO ALBUM DE MLE. ELISABETH HENNINGER)

A vida não é mais que a folha secca,  
Que o vento da fortuna impelle além.  
Ora aqui, ora ali, vagando à tôa  
Certeza onde ella pára ninguem tem.

Agóra meu viver é manso e ledó,  
Mas se logo o será — eu o não sei:  
Neste momento, tenho risos — festas  
E amanhã ninguem sabe onde estarei !

Por isso n'uma folha deste album,  
De flôres tão gentis lindo jardim,  
Meu nome eu deixo para que mais tarde  
Ao lê-lo se recorde alguém de mim !

## AMOR CONJUGAL

(DO ALLEMÃO)

Um pobre camponez perdendo a esposa,  
Pouco tempo depois tambem morreu,  
E como se julgasse bom e justo,  
Para a porta do céu foi e bateu.

O porteiro São Pedro lhe pergunta,  
O que é que elle deseja ou vem buscar ;  
Responde o camponez que tem direitos  
Para ali sem demora penetrar :

Que fôra bom christão, fiel esposo  
E que nunca gozara d'um prazer,  
Pois cruel rheumatismo que apanhara,  
Quasi nunca cessava de doer !

« A vista de razões tão importantes,  
Diz o santo, podeis entrar p'ra cá,  
« Porque além do que tudo que dissestes  
Vossa esposa também no céu está.

Ouvindo que a mulher no céu estava  
D'espantado p'ra traz elle pulou,  
E mostrando no rosto immenso medo,  
Ao porteiro São Pedro assim fallou :

« São Pedro, eu te agradeço esses incommodos,  
Que por entrar no céu causei-te agora,  
Mas a minha mulher já lá se acha,  
Por isso meu amigo eu vou-me embora.... »

---

## DEPOIS DE UMA LEITURA

Li vosso drama—Coração e Genio,  
Meu illustre senhor Pires Ferrão,  
E digo-vos:—o aguardam no proscenio  
Mil palmas e ovações da multidão.

Escrepto com perfeito sentimento,  
Preceitos encerrando de moral,  
Dictado por sublime pensamento,  
E verdadeiramente nacional,

A verdade, a justiça, a sã doutrina,  
Fazendo em cada scena realçar,  
Vosso drama, commove, instrue, ensina,  
Nada deixa, portanto, a desejar.

Por isso, já que uma obra tão custosa  
Composta foi por vós com tanto brilho,  
Vos manda saudação affectuosa  
O vosso amigo—Affonso Celso Filho.

## DEVANEIO

Nem sempre os prantos vertidos,  
Exprimem tanto o penar,  
Como uns risos tão mentidos,  
Que vem mais dôr revelar :  
Tão tristes, tão doloridos  
Que valem mais que o chorar !  
Nem sempre os prantos vertidos  
Exprimem bem o penar !

Ninguém sabe quanto occulta,  
Muitas vezes um sorrir,  
Quando um'alma diz que exulta  
Tentando a dôr encubrir.  
E lá no peito sepulta  
D'acerbo espinho o pungir !  
Oh ! ninguém sabe o que occulta  
Muitas vezes um sorrir.

Ha dôres das quaes o mundo  
Zombara sem compaixão,  
Que entretanto dó profundo  
Merecem mais que irrisão,  
Por isso jazem no fundo  
No imo do coração !  
Por que dellas rira o mundo  
Zombara sem compaixão !

E pr'a fugir á ironia  
Da sociedade cruel,  
E' mister que um ente ria  
Representando um papel,  
E que simule alegria  
Quando n'alma só tem fel !  
Para fugir á ironia  
Da sociedade cruel !

Por isso um sorriso occulta  
Muita vez triste soffrer  
Muit'alma finge qu'exulta  
Sentindo só — padecer  
Que lá no peito sepulta  
Não deixa transparecer  
E então o sorriso occulta,  
Unicamente—soffrer.

## N'UM DIA DE ANNOS

(POESIA OFFERECIDA Á D. A. T. B. NO DIA 13 DE  
SETEMBRO DE 1875)

Os meigos encantos, que existem nas flôres,  
Têm curta existencia pequeno viver,  
Resplendem no prado, d'aurora aos albores  
Fenecem a tarde do dia ao morrer !

Assim até mesmo essa flôr sempre-viva,  
Que tem esse nome por muito durar,  
Perdura, é verdade,—mas não attractiva  
Perdura sem viço, sem brilho ostentar !

Porém eu conheço florzinha singella  
Que nisso differe, das suas iguaes,  
A qual cada dia se torna mais bella,  
Mais cheia de graças, se adorna inãa mais !

E passam-se os tempos e voam as éras,  
Com ellas augmentam as prendas da flôr,  
As quaes na verdade.... (são fallas sinceras),  
Tem todos os annos mais puro fulgor !

Sabeis quem é ella?... não gosto de enganar  
Por isso seu nome dizer-vos vou já,  
A flôr de que fallo é quem hoje faz annos,  
Seu nome é d'archanjo—por outra—Sinhá.

## O MAR

(A MEU TIO E AMIGO JOSE' MARTINS DE TOLEDO)

Eu amo o oceano—o mar immenso  
Cujo extremo confim se não diviza,  
Onde o sol tem mais brilho e mais fulgores  
Onde sopra mais forte a doce briza !

Eu acho poesia nos soluços,  
Que elle solta nas plagas—infinito,  
Nos seus mil movimentos que semelham  
Aagitado—estertor. d'um peito afflicto !

Como é bella essa orla em que longinquas  
Parecem-se fundir n'um elemento,  
A verde immensidade do oceano  
N'azulada amplidão do firmamento !

O homem é no mar—altivo e forte,  
Não sente pêas a tolher-lhe o passo,  
E rei potente,—pygmeu gigante,  
Maior do que o condor que fende o espaço!

Vivo—n'um batel de frageis taboas  
Dá leis aos ventos—avassalla as vagas,  
As vagas que até mesmo rompem rochas  
Que açoitam té quebrar as duras fragas.

Se morre—tem por campa o abysmo infindo,  
Por cyprestes—os ramos de coral,  
Por cirios—o luzir dos raios lividos,  
O troar do trovão por funeral!

No mar, se eleva mais o pensamento  
Mais nobre aspiração concebe o peito,  
Porque tudo que o cerca é grande—immenso  
Tudo induz a pensar n'um Deus perfeito!

Oh! eu amo o oceano—o mar immenso  
Cujo extremo confim se não diviza,  
Onde o sol tem mais brilho e mais fulgores,  
Onde sopra mais forte a doce briza!

Demais, eu acho nelle pura imagem  
Perfeita semelhança de minh'alma,  
Como elle, as vezes, de procellas cheia,  
As vezes, socegada—quieta e calma.

Como elle, ella se sente immensa e grande,  
Mil segredos, tambem, tem no seu seio,  
Thesouros de affeição e de ternura  
Que ninguem devassar por óras veio!

As brancas vellas no oceano apontam,  
Avultam—mas depois desaparecem,  
Assim as illusões lá de minh'alma  
Vegetam, nascem, mas depois fenecem!

O mar geme incessante com tristeza,  
Que não sabem dizer donde provem,  
Melancholia que o sorriso occulta,  
Sem causa—mas fatal minh'alma tem!

Oh! eu amo o oceano—o mar immenso  
Cujo extremo confim se não diviza,  
Onde o sol tem mais brilho, mais fulgores  
Onde sopra mais forte a doce briza.



## Erão uns olhos

Erão uns olhos pensativos— tristes  
Langues e meigos, os qu'eu hontem vi,  
Desses que amores divinaes promettem  
Ai ! dentro d'alma que emoções senti ! !

Vi-os somente por alguns instantes,  
E deslumbrou-me o seu fulgor então,  
Os quiz demente contemplar ainda,  
Mas foi debalde, procurei em vão !

Como estrellinha que scintilla á noite  
Depois desmaia quando a aurora vem,  
Dos bellos olhos o fulgor cegou-me  
Depois sumiu-se, desmaiou tambem !

Qual triste nauta qu'em tufão escuro  
Perde o sant'elmo que offuscou-lhe o olhar !  
Brilhou-me estrellla do viver nas trevas,  
Cegou-me instantes p'ra não mais voltar !

E agora triste no viver que tenho  
Inda a procuro sem cançar jamais  
E tenho n'alma só saudade infinda  
Soluços—queixas—suspirosos ais.

Quem segue um alvo com immenso esforço  
Com luta estreme — nunca vista assim  
Nada mais teme de inimiga sorte  
Se conseguil-o póde um dia — emfim !

Por isso eu peço em orações ferventes  
Nas quaes revelo meu tormento atroz,  
Tão bellos olhos contemplar de novo  
Embora tenha d'expirar após.

## ESCU TA

(PRIMEIRA POESIA DO AUTOR)

Escuta virgem—seductora e bella  
Casta donzella, que m'inspira amor,  
A ti dedico uma paixão divina  
Ouve menina do meu peito a dôr !

Quer eu na vida só encontre encantos,  
Quer agros prantos no porvir verter  
Sempre a lembrança de teus olhos bellos  
Mortaes anhelos me fará soffrer !

Embora louco te olvidar deseje  
Embora almeje te esquecer—em vão,  
Sempre em meu peito existirá intensa  
A chamma immensa da cruel paixão.

E tu contente pelo mundo errante  
Bella inconstante encontrarás prazer,  
Derrame eu prantos no verdor da idade,  
Sem fl'icidade ou esperanças ter

Mas longe embora de teu vate ardente  
De quem demente te adorou em fim,  
Nesses teus dias que se vão serenos  
Lembra-te ao menos de meus ais, de mim !

---

## EPITAPHIO DE UM PAPAGAIO

Aqui jaz enterrado um papagaio,  
Que sempre venerou a honestidade ;  
Vindouras gerações admirai-o  
Como typo de rara probidade :

Muitas vezes soffreu da fome o trance  
Mas nunca de máos tratos se queixou,  
E tendo muita cousa á seu alcance,  
Nem migalhas se quer jamais furtou !

Quasi nunca sahia—meditava  
Callado e com ar grave todo o dia  
Quem sabe se assim triste elle tratava  
Da mais transcendental philosophia !

Era tão vergonhoso e recatado  
Que quando alguma moça o ia ver,  
Encolhido ficava—tão turbado  
Que nem mesmo sabia o que fazer !

O que espanta, porém, á todo o mundo,  
Mas emfim ninguem vive sem tolice,  
E' que sendo em prudencia tão profundo  
Tão cedo desta vida se partisse.



# SONHEI

(IMITAÇÃO)

Sonhei que via divinal belleza  
N'uma deveza n'uma tarde ardente,  
Minh'alma vendo uma visão tão linda  
Sentiu infinda uma paixão demente !

A negra coma que lhe cahe ao seio  
O doce enleio, o virginal pudor,  
As fôrmas puras—os seus olhos bellos  
Causam-me anhelos d'infinito ardor !

Beijam as flôres á soprar fagueiras  
Brizas ligeiras—sussurrando além,  
O sol brilhante já no céu desmaia,  
Dourar a praia brandamente vem !

E ao ver-lhe as faces sem rivaes morenas  
Bellas serenas que mimozas são,  
Treme-me o peito o coração se agita  
M'impelle excita á divinal visão !

Aos pés da virgem me lancei sem pejo  
— Ardente um beijo lhe pedi por fim,  
E ás fallas loucas da paixão ouvindo  
Ella sorrindo me exclamou :—pois sim.

E já tremendo de mortal receio  
Sinto seu seio junto ao meu arfar,  
Quando desperto : nada mais eu vejo  
E o louco beijo dado foi no ar !

---

## OS SOLDADOS

(POR OCCAZIÃO DA QUESTÃO ALLEMÃ)

Da patria soldados—avante marchemos,  
Tenhamos no peito coragem, valor,  
A morte dos bravos morrer não tememos  
Corramos á postos que rufa o tumbor !...

As ballas nos ares—ligeiras sibillam,  
Produzem orchestra — sem par, sem igual,  
A' luz dos pelouros que longe scintillam,  
Colhamos os louros da gloria immortal,

Não vêde no meio das filas valentes,  
Que nossas bandeiras tremulam de pé ? !  
No campo de sangue das pugnas ardentes  
Ao vêl-as formozas, quem bravo não é ? !

Na furia insensata das grandes batalhas  
Negreja o horisonte de fumo e de pó,  
Mas ellas parecem sorrir ás metralhas  
Que ferem— que matam, sem pena, sem dó !

Pois bem, se as bandeiras ganharem victoria,  
Soldados da patria — marchemos além ;  
Se a morte encontrarem — morramos com gloria,  
Soldados da patria — morramos tambem !...

Depois... nós queremos que digam sómente  
Que o pobre soldado cumpriu seu dever :  
Morreu combatendo das filas na frente  
De heroico, de bravo, de bello morrer !

Soldados da patria eia avante marchemos,  
Que sol das batalhas nasceu com fulgor,  
A morte dos bravos morrer não tememos  
Corramos á postos que rufa o tambor !...

As hostes imigas depressa vençamos  
Ornemos as fronte de c'rôas á mil,  
A morte?... Qu'importa, guerreiros morramos.  
Erguendo mil vivas ao patrio Brazil

---

## SE ACASO

Se acaso eu'podesse nos ultimos instantes  
Com olhos constantes teu rosto fitar,  
A morte, meu anjo, me fora bem doce,  
Meu Deus, se assim fossé, quizera expirar !

Bem como a avesinha, que morre cantando  
De modo tão brando d'aurora ao luzir,  
Da mesma maneira, feliz eu morria  
Com grande alegria te olhando á sorrir !

Assim quando um dia minh'alma sentida  
Ao mundo e á vida tiver de deixar,  
Sómente eu desejo no ultimo instante  
Com olhos constantes teu rosto fitar !

## A' UMA CRIANÇA MALCREADA

Menina malcreada e barulhenta  
Toda cheia de mimos—caprichosa,  
E' coisinha terrivel—horrorosa  
Bichinho que ninguem no mundo aguenta.

Das partes nas quaes ella se apresenta,  
Toda a gente se affasta pressuroza,  
A' Deus agradecendo fervorosa,  
Quando para bem longe ella se ausenta !

Por isso, se tu queres, se desejas  
Do todos em geral ser estimada,  
Como te portas, é, mister que vejas,

Que muito boazinha e accomodada  
Sem mimos e caprichos sempre sejas  
E mais que tudo quieta e bem calada !

## INSCRIPÇÃO

Gravada na estatua da noite por Strozzi e resposta que em nome  
della deu o seu autor Miguel Angelo.

La Notte, che tu vedi in si dolci atti  
Dormire, fu da un Angelo scolpita  
In questo sasso; e perché dorme, ha vita :  
Destala se nol credi e parleratti ...

Grato mi il sonno, e piu l'esser de sasso,  
Mentre che ii danno e la vergogna dura;  
Non veder, non sentir m'è gran ventura;  
Pero non mi destar ; deh ! parla basso.

---

### TRADUCÇÃO

A noite que tu vês de marmore esculpida,  
Que com langue attitude ali dormindo está,  
Um anjo a cinzlou ! Mas dorme,.. então tem vida.  
Desperta-a se não crês, e ella fallará !...

Quanto é doce o dormir e ser de pedra fria,  
Pelos tempos que vão de oppobrio e crime atroz,  
Por isso piedade ! oh ! poupa-me a agonia,  
Não venhas me accordar ! Silencio ! abaixa a voz!



## OS MORTOS VIVOS

(BORYS)

I

Partira alegremente o marinheiro,  
Bafeja-lhe o batel vento fagueiro,  
Que sobre o calmo mar fal-o correr,  
A vella enfuna qual o peito afflicto  
E o sol dos espaços no infinito  
    Já vem resplandecer !

Partira o marinheiro alegremente,  
Adeus dissera a terra—indifferente,  
A terra que se affasta á cada instante  
E junto das insarcias encostado,  
Pelo sol que o bronzea illuminado,  
Aspira a exalação do mar salgado  
    E vae seguindo avante !

Sente-se joven cheio de esperança,  
Nos seus rudes pulmões tem confiança,  
Nem teme o rebramir da tempestade,  
Contempla com prazer os musc'los d'aço,  
Emquanto o imaginar fendendo o espaço  
Adeja.... vôa.... além da immensidade !...

Além !... No caminhar existe a gloria,  
A fortuna, o porvir, da dôr o olvido,  
E mais que tudo a crença merencoria  
D'encontrar-se o ignoto—o não sabido !...

Elle sonha ! Vê sylphos mil alados  
Adejando n'um céu de côres lindo,  
Debaixo de horisontes matizados  
De saphira, esmeralda e azul infindo !

Eil-o que sonha devaneios bellos,  
Fórma castellos s'engolphando em scismas,  
Eil-o que sonha !... com prazer profundo,  
Contempla o mundo por dourados prismas !

Vê longe.... longe.... n'uma plaga amena  
Bella serena com copada sombra,  
Frescos arroios—verdejantes veigas  
Com relvas meigas qual macia alfombra !

Pastam nos prados de animaes estranhos  
Longos rebanhos a mugir sombrios,  
Mil ternas aves — na floresta arrulham  
Longe marulham— sussurrantes rios !

Branças cidades — mais além florescem,  
E resplendem de sul d'ouro aos lumes.  
Lá melodias perenaes suspiram,  
E só se aspiram eternaes perfumes !

Tendo por leito orientaes tapetes,  
De braceletes adornados braços,  
A elle estendem côr do ambar divas,  
Donas esquivas de opulentos paços !

Em aureas taças de rubis ornadas  
A essas fadas ou huris saúda,  
Com vinho estranho d'uma côr fulgente  
Qu'em chamma ardente todo o sangue muda !

Sonho encantado !... De mil cousas raras,  
D'alfaias caras elle vê montanhas,  
E só lhe basta desejar riquezas,  
Para bellezas possuir tamanhas !...

E elle exclama :—oh amanha !... Coitado,  
Julga enlevado a ficção sincera....  
Surge outro dia, mas tambem com elle  
Desponta aquelle que ninguem espera !

Vem repentina—zombeteira morte,  
D'amena sorte—desfolhar as flôres,  
Findam-se as scismas !... Em lugar dos sonhos  
Ha só medonhos sepulchraes horrores !

Elle sonhava devaneios bellos  
Lindos castellos, s'engolphando em scismas,  
Tão descuidado, com prazer profundo  
Só via o mundo por dourados prismas !

Agora do oceano  
No fundo elle repousa,  
Servindo-lhe de lousa  
O próprio infindo mar,  
Mas essa immensa massa,  
Que tanto amara outr'ora,  
No peito seu agôra  
Tem pezo de esmagar !

Que terra fabulosa  
Que nunca elle sonhara,

Na qual jamais entrara,  
O brilho da manhã !...  
Que negra noite escura,  
Que barathro horroroso  
No qual mora escamoso  
Giganteo Leviathan !

As vagas lá se engolpham,  
Gemendo sempre.... eternas  
Nas horridas cavernas  
Nas quaes luz nunca entrou ;  
O mar brame implacavel  
Nos montes de mil ossos,  
Titanicos destroços  
Dos povos que tragou !

Dos sec'los que passaram  
O ouro—o abysmo encerra,  
Do qual ninguem na terra,  
Formar pôde ideal,  
E o peixe que passando  
Lá vae nas caravanas  
Retoca as barbatanas  
Em montes de christal !

E o nauta lá repousa  
N'um leito d'algas frias,

Cercam-n'õ pedrarias  
Do brilho singular !  
Na sua branca fronte,  
Mil monstros tão terriveis  
Os corpos seus horriveis  
Bufando vem pousar !...

Mas elle quieto dorme !..  
As conchas nos cabellos,  
Tão negros e tão bellos,  
Começão-se a prender,  
Os quaes, quem sabe ? outróra,  
— D'âmore commovidos  
Uns labios bem queridos  
Beijarão com prazer !.

Areias já o cobrem,  
Que é essa sua sina.  
Na fronte se lhe inclina  
Um ramo de coral,  
A planta do segredo  
A flôr que tem mysterio,  
— Qual lá no cemiterio  
Cypreste puneral!

Tranquillo elle repouza,  
Já mais do marinheiro,



Essa morte cruel que lenta mata,  
Que fere por de traz  
Que apaga as intenções de uma alma pura  
Trahidora e fallaz !

Qualquer de suas feridas,  
Vos lembra crenças perdidas,  
Esperanças esquecidas,  
N'um peito que as alentou,  
Esse ruido soturno,  
Da primeira pá da terra  
Sobre ataude que encerra  
O corpo de quem se amou !  
E' um amigo que engana,  
Um templo que se profana  
Uma mulher que vos trahe,  
Um futuro que se finda  
Uma illusão pura e linda  
Cujo véu por terra cahe!

As portas que se vos fechão,  
A dôr achando ironia,  
Ao pensamento a atonia  
Vindó aos poucos conquistar:  
A arte terreno gasto,  
Que os vossos tristes suóres,  
Que os mais ardentes labôres,

Não podem mais fecundar.  
E' o orgulho lutando.  
Com mesquinhas precizões,  
O character accitando,  
Vergonhosas concessões.  
E depois disso, Oh miseria !..  
Sómente a tibia incerteza  
Vos sustentando a fraqueza  
No meio dos vis baldões !...

Depois nos vossos cabellos  
N'um dia que chega, breve,  
O tempo agarra e lá deixa,  
Vestigios da côr da neve,  
As illusões derradeiras,  
De todo apagão-se então,  
Qual o fogo de bengala,  
Brilhão com vivo clarão,  
Formozas fulgem momentos  
Mas cheias de pallidez,  
Tingindo de côr de roza  
Rudezas só, só nudez,

Então repletos de angustias  
Em torno de vós olhais,  
Para ver se existe um ramo,  
Em que apegar-vos possais !

Nada !... por fora somente,  
Isolamentos fataes.

Por dentro um ermo sombrio  
Que só habitão os ais .!  
Affectos crenças amôres  
Da mocidade os fulgores,  
Talento, genio idéais,  
Que vos resta ?... fumo negro,  
Destroços e nada mais !

Porem nesse momento, oh tristes *mortos vivos*  
As fronte inclnais, cessais de combater,  
D'amarga indiferença aos peitos já captivos,  
Tudo, tudo... findou, sois mortos sem morrer

As vagas do silencio o mar do esquecimento  
Rolar vem sobre vós p'ra sempre desde então,  
Na mente nem sequer vós tendes desalento  
Sosinhos divagais-na immensa multidão.

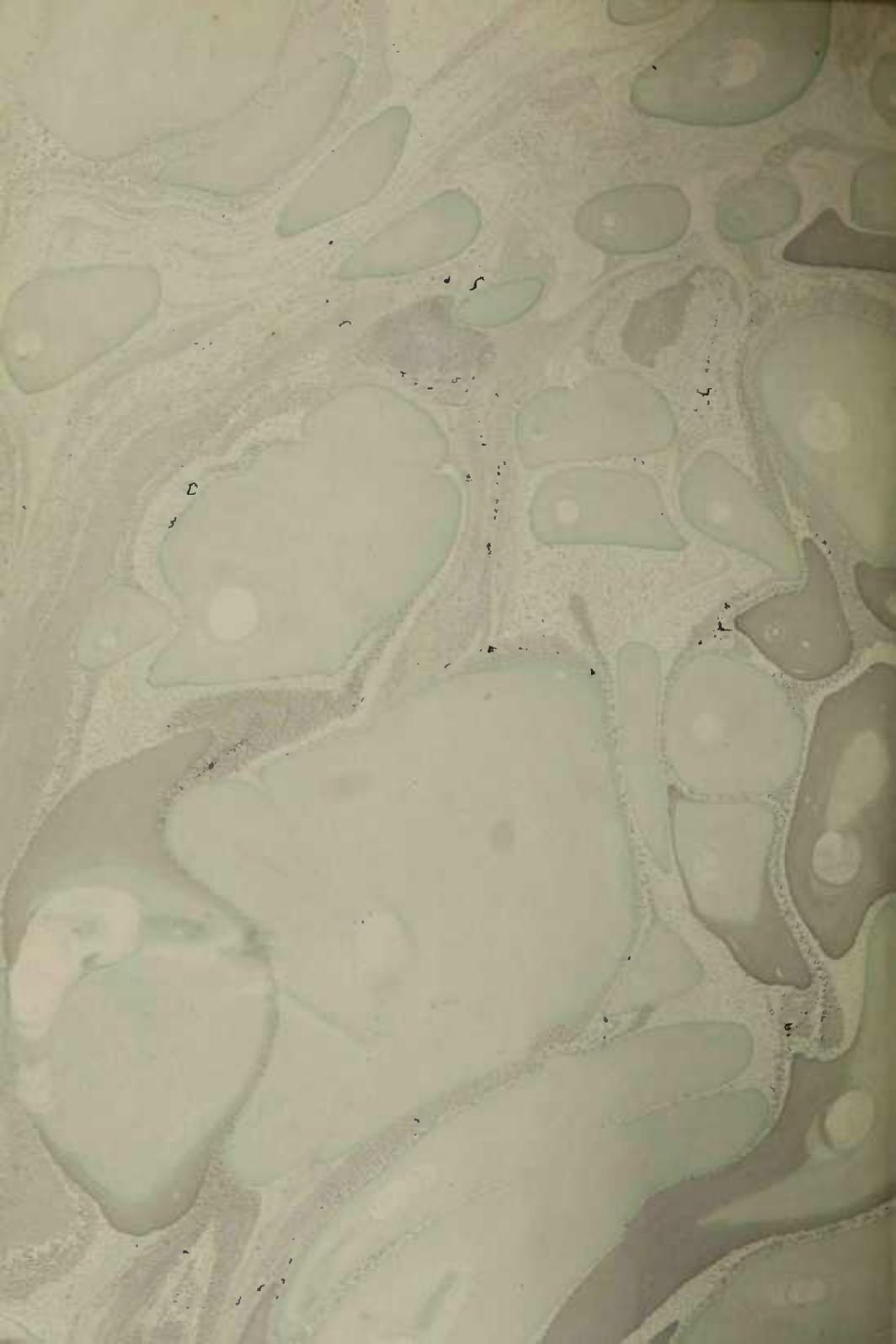
A miseria vos attinge,  
Vos prende nos seus anneis,  
O deboche vossas fronte,  
Suja e mancha nos bordeis !...  
A preguiça roe os nervos,  
Impotentes infieis

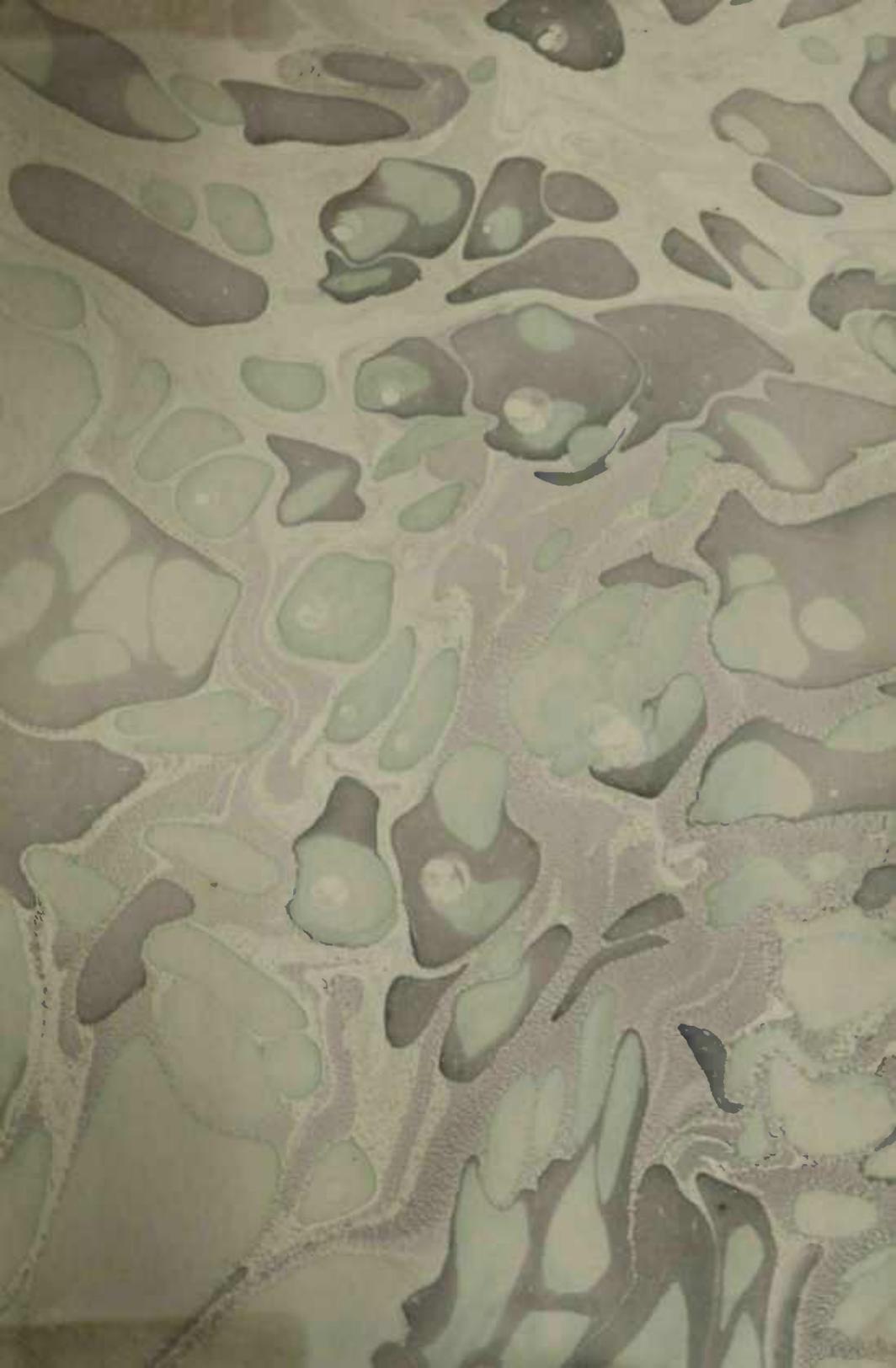
Por fim; a fome apparece,  
Com seus tormentos crueis,  
A menos que o suicidio,  
( Depois de muito soffrer )  
Não venha, afinal pôr cabo,  
A tão inmundo viver !

Entretanto mais em cima  
Pelo trabalho elevadas,  
Passão frotas festejadas,  
Pois só souberão vencer;  
Vossos irmãos da partida,  
N'ellas estão tendo glorias,  
Tnesouros, palmas victoria~~s~~,  
Que não soubestes colher !....











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).